

Processo de aquisição do latim como contrapartida para a aprendizagem de línguas estrangeiras

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v48i1.2370>

Marly de Bari Matos¹

Resumo

Este artigo visa discutir os métodos empregados na aquisição da língua materna e estrangeira pelos romanos da Antiguidade, considerando a concepção de *infantia*, *pueritia* como *aetates uitae hominum* assim como as características e peculiaridades a elas atribuídas. Para tanto, ampararemos-nos nos textos literários produzidos em Roma nos dois primeiros séculos da era cristã, destacando como o sistema de ensino e o programa do Império se constituíam como um meio de ascensão social e prestígio para as classes mais abastadas.

Palavras-chave: latim; educação; grego; aquisição; linguagem.

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; matos.marly@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-9864-6608>

Process of acquisition of Latin as a counterpart for the learning of foreign languages

Abstract

This article aims to discuss the methods employed in the acquisition of the mother tongue and foreign language by the Romans of Antiquity, considering the conception of *infantia*, *pueritia* as *aetates uitae hominum* as well as the characteristics and peculiarities attributed to them. To this end, we will rely on the literary texts produced in Rome during the first two centuries of the Christian era, highlighting how the system of education and the program of the Empire constituted a means of social ascension and prestige for the wealthier.

Keywords: Latin; education; Greek; acquisition; language.

Introdução

Este artigo visa discutir como se dava o processo de aquisição linguística e as estratégias educativas implicadas no ensino dos jovens romanos, a partir da perspectiva de obras literárias dos dois primeiros séculos do Império. O interesse por essa época explica-se pela profusão de textos em que abundam críticas à propalada degeneração da eloquência, flagrada na segunda metade do século I a.C. quando faleceu o célebre orador Marco Túlio Cícero e efetivou-se a queda da República romana.

A literatura testemunhou, junto com a ascensão do Império, alterações no modo de discursar decorrentes não só da centralização do poder nas mãos do *Princeps*, mas sobretudo da diminuição gradual do prestígio inerente ao poder judiciário. Mais do que isso, o estilo ciceroniano de conduzir a propalada *ars dicendi* e o prestígio desfrutado pela *inventio* dentro da composição discursiva cederam lugar à “retórica extravagante” dos declamadores e ao elogio da *elocutio* como cerne de toda produção de fim persuasivo (KENNEDY, 1994).

Nesse contexto, a decadência da oratória surge como uma tópica recorrente cujos motivadores seriam, dentre outros, (1) a degeneração dos *mos maiorum* cultivado pela vida republicana presente em temas como o desvirtuamento moral da juventude, a adesão aos jogos e às claques afeitas aos declamadores e (2) desvalorização da educação gerida no âmbito doméstico sob a responsabilidade dos genitores, enfatizada em críticas como a omissão dos educadores em relação aos cuidados requeridos pela *infantia* e a *pueritia* bem como e a negligência dos pais na contratação de *nutrices*, *paedagogi* e *magistri* bem qualificados para conduzir a criação dos pequenos.

Consequentemente, de tudo isso, não é errado afirmar que, sob a ótica de alguns autores do período, a formação linguística dos jovens romanos com base nos costumes passados deveria ser o foco da atenção da sociedade romana, de modo a criar adultos hábeis na *ars dicendi*.

A educação do *puer* segundo as *aetates uitae* e os cuidados com a linguagem

J-I. Marrou (1966) afirma que as primeiras escolas tinham surgido em Roma no século II a.C, com um programa educativo cujo modelo era a escola inaugurada na Grécia séculos antes, porém, no fim da República, algumas mudanças foram estimuladas pela criação de uma literatura genuinamente latina na qual a formação retórica ganhara um espaço proeminente justamente no fim do segundo século a.C.

Como é voz corrente, a retórica ocupou a *Urbs* por influência dos gregos e, juntamente com a filosofia, tornou-se o centro da formação dos jovens cidadãos romanos de origem nobre. Além disso, com o crescimento da ingerência grega depois da conquista da Magna Grécia e das guerras do Oriente que culminaram com anexação da Macedônia e da Grécia, e posteriormente do Reino de Pérgamo, o Império Romano se notabilizou como um estado bilíngue onde falar latim e grego simbolizava *status* e erudição.

No Império, as referências *ao modus operandi* da formação dos jovens romanos permite enxergar como o sistema educativo vinha se perfilando e por que alguns autores o viam com restrições, a despeito dos avanços conseguidos desde a criação da primeira escola romana em II a.C.

No prefácio ao livro I de suas *Instituições Oratórias*, o rétor Marco Fábio Quintiliano (35-95 d.C.) destaca a importância da educação infantil e o desprestígio conferido pelos profissionais da área àquela que, segundo ele, deveria ser a base da formação dos meninos:

Nam ceteri fere qui artem orandi litteris tradiderunt ita sunt exorsi quasi perfectis omni alio genere doctrinae summam (in eloquentiae) manum imponent, sive contemntes tamquam parva quae prius discimus studia, sive non ad suum pertinere officium opinati, quando divisae professionum vices essent, seu, quod proximum vero, nullam ingenii sperantes gratiam circa res etiamsi necessarias, procul tamen ab ostentatione positas, ut operum fastigia spectantur, latent fundamenta. Ego cum existimem nihil arti oratoriae alienum sine quo fieri non posse oratorem fatendum est, nec ad ullius rei summam nisi praecedentibus initiis perveniri, ad minora illa, sed quae si neglegas non sit maioribus locus, demittere me non recusabo, nec aliter quam si mihi tradatur educandus orator studia eius formare ab infantia incipiam.

Porque quase todos os outros que escreveram sobre a arte oratória começaram com a afirmação de que seus leitores eram perfeitos em outros campos da educação e que sua principal tarefa era meramente dar os retoques finais ao treinamento retórico, isso se deve ao fato de eles desprezarem os primeiros estágios da educação ou pensarem que não eram de sua conta, uma vez que os deveres dos diferentes ramos da educação eram distintos uns dos outros, ou ainda, e isso se aproxima mais da verdade, porque eles não têm esperança de fazer uma exibição remunerada de seu talento em lidar com assuntos os quais, embora necessários, estão longe de serem vistosos: assim como na arquitetura é a superestrutura e não as fundações que atraem os olhos. Eu, por outro lado, defendo que a arte oratória inclui tudo o que é essencial para o treinamento de um orador, e que é impossível de se alcançar o ponto mais alto em qualquer matéria a não ser que tenhamos passado por todos os estágios elementares. (Qunt., *I.O., Praef.* I, 4-5).

Os cuidados requeridos pela criança desde os seus primeiros momentos de vida não são uma questão exclusiva do discurso educativo: a infância e as precauções a ela devidas quase sempre se relacionavam com os pais e as *nutrices* e integravam sobretudo as matérias médicas. No âmbito escolar, todavia, esse foi um tema tratado espantosamente por Quintiliano.

De fato, as etapas preliminares do ensino parecem ter sido deixadas de lado pelos professores romanos, pois requeriam um trabalho exaustivo, às vezes com crianças consideradas ineptas ao aprendizado (Quint., *I.O. Praef.*, I, 1), sem trazer expressiva compensação financeira ou prestígio social, diferentemente do que acontecia com os retores. Com efeito, a oratória e a jurisprudência eram competências almejadas pelos homens que pretendiam lidar com a vida pública. Discursar adequadamente não era tarefa fácil, requeria erudição que dependia de uma formação consistente e dispendiosa, muitas vezes conquistada fora de Roma, sob a gestão de *rettores* célebres.

A infância, entendida como os sete primeiros anos de vida da criança, e a *pueritia*, os sete posteriores, compreendiam as fases de formação e estabelecimento do jovem cidadão. Eram momentos críticos da vida do homem porque envolviam a moldagem e o aperfeiçoamento daquilo que deveria se tornar o adulto conforme os critérios estabelecidos pela sociedade romana.

Segundo Jean Pierre Neraudau (1996), a infância era assim denominada pela inabilidade da criança em articular as palavras. Ela se caracterizava pela *amentia*, privação de faculdade intelectual, e a *infirmitas*, a ausência de firmeza, de força e de constância. Esses atributos tornavam a infância uma idade que requeria atenção, pois ela estava facilmente exposta aos vícios e desvirtuamentos.

Por outro lado, é fato comum a infância (*pueritia*) ser citada como o período em que a florava a percepção e, por isso, como o mais favorável à aplicação dos ensinamentos. Ovídio, nos versos introdutórios da *Arte de Amar*, ao falar sobre as aptidões de Cupido, deixa escapar que, por ser um menino, o filho de Vênus está numa idade dócil (*Ars* I, 9-10), ou seja, numa fase receptiva ao ensino.

O poeta, ao que parece, não falou algo inusitado. Sob a perspectiva da educação, na *infantia*, a criança recebia os primeiros ensinamentos no âmbito doméstico sob a gerência da mãe ou das *nutrices*. Somente por volta dos dois ou três anos, *pueri* e *puellae* começavam a articular a linguagem. Com cerca de seis ou sete anos, a criança passava para o que se chama hoje de letramento, seja num ambiente escolar sob a responsabilidade do *litterator*, seja na própria casa sob a supervisão de um tutor. O método seguido tanto para a formação do *puer* como indivíduo e para sua erudição como *discipulus* era o do *exemplum*. Havia um modelo a ser seguido em termos morais e educativos aos quais os alunos deveriam imitar e emular. Fazê-los não desviar desse caminho era tarefa dos adultos.

Prevenção contra os desvios morais e linguísticos

No que tange à aquisição linguística, alguns testemunhos serão relevantes. Tácito, no seu *Diálogo dos oradores*, evidencia seu descontentamento com a educação precária dos jovens devido à negligência dos pais e à ignorância dos professores. Segundo o historiador, esses males haviam começado na cidade e vinham ganhando as províncias dentro e fora do território italiano. Ressalta ainda que esses problemas tinham origem em vícios que tomavam os indivíduos quando nasciam e cresciam com o seu desenvolvimento. No entanto, deixa transparecer que não são imanentes às crianças, mas delas se apropriam quando estas são expostas desde cedo a agentes que as desviam do caminho da correção moral e intelectual (*Dial.* 28, 1-3).

A segurança contra o estabelecimento desses vícios, segundo o autor, estaria na manutenção dos princípios traçados pelos ancestrais para a educação dos filhos. O sistema praticado pelos antigos tinha um objeto definido, como frisa o autor, o filho de casamentos castos e compreendia a sua formação (*Dial.* 28, 4).

A sua base constituía-se sobre a presença irrestrita dos pais, sobretudo da mãe, na educação dos filhos desde os primeiros meses de vida. Ciente de seus deveres com a casa e com os filhos, a mãe deveria administrar os momentos de estudos, descanso e jogos a que se dedicavam os filhos, seguindo os exemplos deixados por Cornélia, mãe dos Gracos; Aurélio, a mãe de César e Átia, a mãe de Augusto (*Dial.* 28, 4-6).

Tais cuidados visavam preservar a disposição natural de cada criança dos desvios morais a que a fragilidade dos primeiros anos abria espaço, evitando que fosse corrompida pelos

vícios e, enquanto ainda estivesse íntegra, estimulá-la a agarrar-se às artes liberais e caso se inclinasse à carreira militar, jurídica ou à eloquência, que o fizesse exclusivamente sem se desviar de seu interesse.

O descuido dos pais permitia a intervenção das escravas gregas e dos escravos que as auxiliavam nos primeiros meses de vida da criança, representando um risco à integridade moral dos futuros cidadãos romanos, que, expostos à lascívia e à permissividade do ambiente familiar, perdiam o pudor e o respeito pelos outros (*Dial.* 29, 1-2).

Os jogos e os combates entre gladiadores aparecem como fatores externos que constituíam também uma ameaça à tal integridade. Conforme salienta o personagem Messala, a paixão pelos atores teatrais, pelos espetáculos de gladiadores e pelas corridas eram vícios próprios da cidade que pareciam começar no ventre materno, ocupavam na vida dos jovens um espaço que deveria ser preenchido pelas *bonae artes*. A sua inserção na vida do jovem devia-se à ineficiência dos mestres que procuram atrair seus alunos não pela severidade da disciplina nem pela experiência de seu talento, mas pelo desejo de reconhecimento e pelas adulações (*Dial.* 29, 3-4).

Essas acusações não eram produto de uma ação para promover o aleitamento materno, mas sim de uma postura literária que retomava o paradigma da matrona, como esposa e mãe ideais e colocava em xeque o papel da *nutrix*. Depois das críticas de Tácito, Quintiliano abriu grande espaço, em seu discurso pedagógico, para as recomendações acerca das qualidades intelectuais da ama. Como estava às voltas com a formação do orador, dirigiu, primeiramente, as suas preocupações à linguagem. Assim, nas *Instituições Oratórias* (I, 1, 4), aconselha:

Ante omnia ne sit vitiosus sermo nutricibus: quas, si fieri posset, sapientes Chrysippus optavit, certe quantum res pateretur optimas eligi voluit. Et morum quidem in his haud dubie prior ratio est, recte tamen etiam loquantur.

Antes de tudo, que as amas não tenham uma linguagem incorreta: Crisipo desejava que, no limite do possível, fossem cultas; o quanto permitissem as circunstâncias, queria que escolhessem as melhores.

Essas precauções deviam evitar que fossem deturpadas as boas tendências naturais da criança. Afinal, eram as amas as primeiras pessoas que as crianças escutavam, que imitavam e com quem conviviam durante os três primeiros anos de suas vidas; portanto, deveriam falar uma língua correta (I, 1, 5).

Esses cuidados estendiam-se também aos pedagogos (I, 1, 8-9) e aos pais:

In parentibus vero quam plurimum esse eruditionis optaverim. Nec de patribus tantum loquor: nam Gracchorum eloquentiae multum contulisse accepimus Corneliam matrem, cuius doctissimus sermo in posteros quoque est epistulis traditus, et Laelia C. filia reddidisse in loquendo paternam elegantiam dicitur, et Hortensiae Q. filiae oratio apud triumviros habita legitur non tantum in sexus honorem.

Gostaria que os pais tivessem o maior nível de cultura. E não me refiro somente aos homens: pois sabemos que uma contribuição significativa à eloquência dos Gracos foi dada por Cornélia, cuja linguagem doutíssima foi transmitida também aos pósteros graças às suas cartas. (I, 1, 6-7)

Além disso, resgatando as ideias ciceronianas de que o ser poderia impregnar-se de boas ou más disposições morais na infância, Quintiliano recomendava que, se, na presença da criança, algum dos envolvidos em sua formação usasse a língua de forma incorreta, que fosse corrigido prontamente, a fim de não permitir que o erro se fixasse na mente dela (I, 1, 11).

Salientava, todavia, que essas primeiras faculdades naturais da tenra idade deveriam ser exploradas a serviço da aquisição dos primeiros conhecimentos. Assim, era necessário despertar a inteligência antes dos três anos, ainda que a percepção só ocorresse a partir dos sete, a fim de que todo e qualquer conhecimento adquirido nesse período fosse aproveitado nos primeiros anos de sua escolaridade (I, 1, 15-19).

Na *pueritia*, o estímulo ao jogo pretendia explorar a competitividade natural da criança, o seu desejo de ganhar e de ser recompensado por isso. No jogo, a criança exprimia a sua impetuosidade natural e revelava o seu caráter. Essa preferência deveria ainda ser usada para introduzir atividades menos inadequadas a essa etapa da vida, como o estudo (I, 1, 20).

Dentre as aptidões próprias da idade infantil, a memória não é negligenciada pelo autor. Segundo Quintiliano, o exercício contínuo da memorização, por meio de cópias e repetições orais dos textos escritos ou ainda mediante os jogos (I, 1, 32-4), não deveria objetivar somente o apuro dos mecanismos que ajudariam o futuro orador na enunciação dos discursos, mas deveria ser aproveitado também na construção de uma finalidade maior, que era a formação moral do cidadão romano. Diz ele:

Et quoniam circa res adhuc tenues moramur, ii quoque uersus, qui ad imitationem scribendi proponuntur, non otiosas uelim sententias habeant sed honestum aliquid monentes. Prosequitur haec memoria

in senectutem et impressa animo rudi usque ad mores proficiet. Etiam dicta clarorum uirorum et electos ex poetis maxime (namque eorum cognitio paruis gratior est) locos ediscere inter lusum licet. Nam et maxime necessaria est oratori (sicut suo loco dicam) memoria, et ea praecipue firmatur atque exercitatione, et in his, de quibus nunc loquimur, aetatibus, quae nihil dum ipsae generare ex se queunt, prope sola est, quae iuuari cura docentium possit.

E, visto que nos fundamentamos em argumentos pouco profundos, desejaria ainda que os temas dos textos propostos para os exercícios de cópia não apresentassem conteúdos vagos, mas qualquer exortação ao bem moral. Essa recordação o acompanhará até a velhice e, impressa no espírito quando este ainda não está formado, achará um resultado positivo também sobre o plano moral. É possível decorar, também em forma de jogo, os ditos dos homens ilustres e, sobretudo, as passagens retiradas dos poetas (os pequenos gostam muito deste tipo de estudo). Isto porque, de uma parte, a capacidade mnemônica é indispensável ao orador (como direi melhor a seu tempo) e, de outra, porque esta se reforça e se alimenta, sobretudo, com o exercício e na idade de que estamos falando, a qual não está ainda em condição de produzir nada sozinha e [é] a única que pode ser ajudada com a atenção de um mestre. (I, 1, 35-7)

Como se pode notar, essa prática educativa consistia em modelar uma matéria flexível, inserindo em seu espírito princípios culturais e filosóficos próprios da sociedade da época. Assim como acontecia com as amas e babás em relação ao corpo do recém-nascido, o educador deveria preocupar-se com que o espírito deste não se deformasse. Logo, deveria a todo momento atentar para a fragilidade física e intelectual que marcava a infância e, utilizando-se de instrumentos pedagógicos precisos, ajudar a criança a se tornar o que naturalmente era. A obediência a esses preceitos pedagógicos resultaria na formação de um *uir bonus* ciceroniano, não só apto a falar bem e com competência sobre todos os assuntos, mas, sobretudo, dono de qualidades morais e espirituais cultivadas rigidamente durante a infância.

O grego como língua estrangeira

Dentro do sistema de ensino romano, o ministério de disciplinas como gramática e retórica fazia parte de um programa que era ministrado pelo *grammaticus*, correspondente latino do *grammatikus* grego, aos *pueri* a partir de seus 12 anos de idade. Nesse estágio, os meninos deveriam dedicar-se à produção textual, à crítica filológica e literária dos textos, à construção de argumentos retóricos.

No fim do século I a.C., o grego Cecílio Epirota, liberto de Tirão, abriu em Roma uma escola de retórica latina, empreendendo o estudo de poetas latinos seus contemporâneos. Dessa forma, acabou estabelecendo uma formação nas duas línguas que implicaria, portanto, a participação de dois *grammatici*: o *grammaticus graecus* e o *grammaticus latinus*. Consequentemente, passaram a existir duas instituições paralelas: uma para o estudo da língua e da literatura grega, a outra para o estudo da língua e literatura romana. A primeira é uma réplica exata das escolas gregas, a segunda representava o esforço para salvaguardar as tradições romanas.

Desse ensino “bilinguístico” iniciado no Império, talvez venham as referências da formação linguística dos jovens desenvolvida na época de Quintiliano:

A sermone Graeco puerum incipere malo, quia Latinum, qui pluribus in usu est, vel nobis nolentibus perbibet, simul quia disciplinis quoque Graecis prius instituendus est, unde et nostrae fluxerunt. Non tamen hoc adeo superstitiose fieri velim ut diu tantum Graece loquatur aut discat, sicut plerisque moris est. Hoc enim accidunt et oris plurima vitia in peregrinum sonum corrupti et sermonis, cui cum Graecae figurae adsidua consuetudine haeserunt, in diversa quoque loquendi ratione pertinacissime durant. Non longe itaque Latina subsequi debent et cito pariter ire. Ita fiet ut, cum aequali cura linguam utramque tueri coeperimus, neutra alteri officiat.

Prefiro que a criança comece pelo estudo da língua grega, porque do latim, que é mais usado pela grande maioria, ela estará imbuída, ainda que não queiramos, e também porque se deve ensinar a ela primeiro as disciplinas gregas, das quais as nossas derivaram. No entanto, não gostaria que isso se desse de modo tão supersticioso, a ponto de por muito tempo a criança falar e aprender somente o grego, como a maior parte costuma fazer, pois assim ocorrem na pronúncia muitos vícios, devidos ao modo de falar estrangeiro e, com relação ao discurso, uma vez que as construções gregas nele se fixaram dado seu frequente uso, também persistem teimosamente no latim. Desse modo, o ensino do latim não deve seguir de longe o do grego, mas deve logo acompanhá-lo. O ensino dar-se-á de tal modo que, uma vez que começarmos a cuidar de uma e outra língua com igual atenção, nenhuma das duas prejudique a outra. (I, 1, 12-14).

Pelo que vê, receia-se que o ensino de língua estrangeira ofusque o latino, mas não se questiona a sua necessidade, visto que o grego era língua de prestígio entre as elites romanas. Além disso, dentro do programa de ensino romano que tinha vistas a formar

um orador, a aquisição do grego era também uma forma de aprimoramento do idioma pátrio (BLOOMER, 2011).

Nesse sentido, não é equivocado afirmar, conforme assinala Mauri Furlan (2014) que, na Antiguidade romana, a concepção de tradução é formada no âmbito da retórica e da gramática e na relação entre essas duas disciplinas. Na teoria pedagógica, de então, a tradução estava intimamente ligada à teoria e prática da imitação de modelos literários. Nos estudos gramaticais, a tradução era considerada um aspecto do comentário textual; nos estudos retóricos, era uma forma de imitação. Daí, também a sobreposição entre as práticas de comentário, tradução e imitação.

Dentro dessa linha, Plínio o Jovem, discípulo de Quintiliano, aponta o método empregado na aquisição da língua estrangeira e a importância do estudo dessa língua para o desenvolvimento da habilidade oratória. Ou seja, a tradução, nesse caso, se apresenta como um instrumento a fim de exercitar a capacidade discursiva na qual devem estar envolvidas as capacidades de memorização, produção textual, argumentação, além de capacidades inventivas e elocutivas:

Quaeris quemadmodum in secessu, quo iam diu frueris, putem te studere oportere. Utile in primis, et multi praecipunt, vel ex Graeco in Latinum vel ex Latino vertere in Graecum. Quo genere exercitationis proprietates splendorque verborum, copia figurarum, vis explicandi, praeterea imitatione optimorum similia inveniendi facultas paratur; simul quae legentem fefellissent, transferentem fugere non possunt. Intellegentia ex hoc et iudicium acquiritur. Nihil offuerit quae legeris hactenus, ut rem argumentumque teneas, quasi aemulum scribere lectisque conferre, ac sedulo pensare, quid tu quid ille commodius. Magna gratulatio si non nulla tu, magnus pudor si cuncta ille melius. Licebit interdum et notissima eligere et certare cum electis.

Perguntas-me de que modo eu creia que te seja oportuno estudares em teu retiro, do qual já desfrutas há bom tempo. É sobretudo útil, e muitos recomendam o traduzir, seja do grego ao latim, seja do latim ao grego. Com este tipo de exercício, busca-se a propriedade e o esplendor das palavras, a riqueza das figuras, a força da expressão, ademais da capacidade de criar de maneira similar a partir da imitação dos melhores. Ao mesmo tempo, o que tenha falhado ao leitor não pode escapar ao tradutor. Obtém-se disso inteligência e discernimento. Não te fará mal se as coisas que então tiveres lido o foram com o fim de reter o assunto e o argumento, e, como um emulo, as escreveres e comparares com as lidas, e examinares com cuidado o que tu fizeste mais convenientemente e o que ele [fez]. Grande será a alegria se em algumas coisas tu fores o melhor, grande

a vergonha se ele em todas. Será permitido por vezes escolher as passagens mais célebres e disputar com as escolhidas² (*Ep.*, VII, 9, 1-3).

Aqui é interessante notar que, dos autores que versaram sobre a aquisição do grego como língua estrangeira e da tradução como ofício literário, Sêneca destaca a importância do conhecimento exaustivo das duas línguas a fim de que se empreenda o processo tradutório. Segundo o filósofo, não convém imitar ou transferir as palavras, segundo a sua forma, mas designar a própria coisa de que se trata com algum nome que tenha a força da designação grega, não o aspecto.

Marco Túlio Cícero, um século antes, defendera semelhante ponto de vista no seu opúsculo denominado *Do melhor gênero dos oradores*. Diz ele:

Converti enim ex Atticis duorum eloquentissimorum nobilissimas orationes inter seque contrarias, Aeschinis et Demosthenis; nec converti ut interpres, sed ut orator, sentiis isdem et earum formis tamquam figuris, verbis ad nostram consuetudinem aptis. In quibus non verbum pro verbo necesse habui reddere, sed genus omne verborum vimque servavi. Non enim ea me adnumerare lectori putavi oportere, sed tamquam appendere.

Traduzi, então, dos áticos dois discursos notáveis e contrários entre si, um de Ésquino, outro de Demóstenes, autores dos mais eloquentes. E não os traduzi como um tradutor, mas como um orador, usando os mesmos argumentos, tanto na sua forma quanto nas suas figuras de linguagem, em termos adequados à nossa cultura. Para tanto, não considere necessário verter palavra por palavra, mas mantive inteiro o gênero das palavras e sua força expressiva. Não julguei que fosse apropriado contabilizar as palavras para o leitor, mas como que sopesá-las³. (*Cic.*, *De opt. Gen.*, 14)

Do tradutor, nesse caso, exigem-se método de trabalho próprio do orador como *artifex* de seus discursos, conhecimento do idioma estrangeiro e, sobretudo, dos registros usados no texto de origem e na versão. Para tanto, é etapa necessária um estudo apurado e o conhecimento profundo do texto a ser traduzido de tal modo que se possa não só compreendê-lo, mas também explicá-lo.

2 A tradução dos textos de Plínio o Jovem contida neste artigo é de Mauri Furlan. Nesta, especificamente, para garantir a compreensão do período, achei importante acrescentar o verbo “fez” depois de “o que tu fizeste e o que ele” na linha 10.

3 Tradução de Brunno Vinicius Gonçalves Vieira e Pedro Colombaroli Zoppi.

Considerações finais

A linguagem e os processos envolvidos em sua aquisição foram assuntos frequentes na literatura imperial dos primeiros séculos. O interesse em descobrir os motivos que ensejaram o declínio daquele que foi o modo de discursar responsável pelo apogeu republicano levantou também questões sobre a maneira como as famílias romanas deveriam educar seus descendentes.

Quintiliano, na tentativa de formular uma obra que versasse sobre a educação do orador perfeito, aponta as principais peculiaridades do ensino de sua época. Nesse sistema, parecem ser negligenciados os cuidados com a fase mais delicada do indivíduo, a infância, e o bem mais valioso, a linguagem, matéria-prima do orador.

As influências externas à família, como amas e pedagogos, eram motivo de atenção. A língua grega, se inserida num momento inoportuno da aquisição da língua materna, impediria a constituição do latim puro. Isso não quer dizer que o grego tinha de ser repudiado como sugerira Catão o velho na República, mas empregado de forma adequada e eficiente de modo a contribuir para o desenvolvimento da eloquência do futuro cidadão romano.

Nesse sentido, o aprendizado do grego deveria evoluir no ensino secundário quando os alunos deveriam desenvolver, sob a supervisão do *grammaticus*, textos em latim e em grego a partir de modelos literários diversos dentro dos dois idiomas. A imitação de padrões estéticos determinados por um cânone já delimitado garantiria o parâmetro moral e estético dos textos produzidos. A emulação, estimulada desde a infância pelo mestre na competição com os colegas, promovia a superação dos modelos escolhidos.

REFERÊNCIAS

BLOOMER, M. W. *The School of Rome: Latin Studies and the origins of the liberal education*. California: UCP, 2011.

BONNER, S. F. *Education in Ancient Rome. From the elder Cato to the younger Pliny*. California: California Press, 1977.

ÉTIENNE, R. La conscience médicale antique et la vie des enfants. *Annales de démographie historique. Enfants et sociétés*, p. 15-46, 1973.

EYBEN, E. *Restless Youth in Ancient Rome*. Tradução Patrick Daly. London and New York: Routledge, 1993.

FURLAN, M. "Plínio o Jovem e a tradução na Antiguidade – Epistulae VII, 9; IV, 18; V, 15 (séc. II)". *Scientia Traductionis*, n. 15, 2014.

KENNEDY, G. A. *A new history of classical rhetoric*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

MARROU, H. I. *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: EDUSP, 1966.

OVÍDIO. *A arte de amar*. Tradução Hélio Gomes da Cruz. Rio de Janeiro: Simões, 1963.

PLINE LE JEUNE. *Lettres*. Texte établi et traduit par Anne-Marie Guillemin. Paris: "Les Belles Lettres", 1928, tome III (livres VII-IX).

QUINTILIEN. *Institution Oratoire*. Texte établi et traduit par Jean Cousin. Paris: "Les Belles Lettres", 1976, tome I (livre I).

QUINTILIEN. *Institution Oratoire*. Texte établi et traduit par Jean Cousin. Paris: "Les Belles Lettres", 1976, tome II (livres II-III).

QUINTILIEN. *Institution Oratoire*. Texte établi et traduit par Jean Cousin. Paris: "Les Belles Lettres", 1976, tome III (livres IV-V).

QUINTILIEN. *Institution Oratoire*. Texte établi et traduit par Jean Cousin. Paris: "Les Belles Lettres", 1977, tome IV (livres VI-VII).

SÉNECA. *Epístolas morales a Lucilio*. Tradução Ismael Roca Meliá. v. I. Gredos: Madrid, 1986 (libros I- IX, epístolas 1-80).

SÈNÉQUE. *Lettres à Lucilius*. Tradução François et Pierre Richard. Paris: Garnier, 1945.

SÈNÉQUE. *Lettres à Lucilius* III. Texte établi par François Préchac et traduit par Henri Noblot. Paris: "Les Belles Lettres", 1965.

SÈNÉQUE. *Lettres à Lucilius* IV. Texte établi par François Préchac et traduit par Henri Noblot. Paris: "Les Belles Lettres", 1971.

TACITUS. *Agricola. Germania. Dialogus de oratoribus*. Tradução W. Peterson. Revisão M. Winterbottom. Harvard: Harvard University Press, 1992.

NÉRAUDAU, J.-P. *Être enfant à Rome*. Paris: Payot, 1996.

SHERWIN-WHITE, A. N. *The letters of Pliny*. A historical and social commentary. Oxford, 1966.

SOLAZZI, S. *Infirmas aetatis e infirmas sexus*. *AG* 4, th ser. 20, p. 3-31, 1930.

SLUSANSKI, D. *Le vocabulaire des gradus aetatum*. *Revue roumaine de linguistique*, 1974.

VIEIRA, B. V. G.; ZOPPI, P. C. *De optimo genere oratorum/O melhor gênero de oradores*. *Scientia Translationis*, n. 10, 2011.